

Legado de Sarney 23 DEZ 1989

CORREIO BRAZILIENSE

O presidente José Sarney está convencido de que seu sucessor terá meios vantajosos de operar a dívida externa brasileira. Será um legado seu, fruto de posições firmadas no atual governo a partir dos pronunciamentos presidenciais na Organização das Nações Unidas.

Em decorrência do novo enfoque do Brasil, o problema passou a ser visto pelos países latino-americanos endividados sob o aspecto que interessa a todos: o político. Há, hoje, mobilização de esforços para uma linha coerente de atuação em favor de um comportamento humano por parte dos credores internacionais.

É também importante a adesão de figuras de projeção mundial à tese levantada por Sarney. De inicio ele sensibilizou levemente o presidente Ronald Reagan, sem obter os efeitos desejados, o que facilitaria

as coisas ainda neste período governamental. Já o próximo ocupante da Casa Branca, George Bush, assimilou melhor o ponto de vista brasileiro. E, tudo indica, em janeiro inaugura-se uma época diferente no relacionamento Brasília-Washington quanto a questões significativas para os devedores em geral.

Mas os resultados concretos só devem aparecer mesmo em 1990, quando outro governante estará instalado no Palácio do Planalto. Serão, de fato, tempos propícios ao estabelecimento de negociações além das premissas econômicas. O ângulo político há de pesar, de modo a prevalecer a determinação brasileira sustentada pelo presidente Sarney — não fazer da dívida externa instrumento de maiores sacrifícios para o povo — que vai somando progressivo apoio internacional. Da Casa Branca ao Kremlin.